

Teresa Nicolau: “Cultura não é um *fait-diver*”
Teresa Nicolau: “Culture is not a fait-diver”

Jaime Lourenço – Universidade Autónoma de Lisboa

NIP-C@M

Iscte / CIES – Instituto Universitário de Lisboa

jlourenco@autonoma.pt

<https://doi.org/10.26619/978-989-9002-14-2.14>

Recebido / Received
30.06.2020

Como citar este capítulo / How to quote this chapter:

Lourenço, J. (2021). “Teresa Nicolau: ‘Cultura não é um *fait-diver*’”. In Lourenço, J. & Lopes, P. (eds.), *Comunicação, Cultura e Jornalismo Cultural*. Lisboa: NIP-C@M & UAL, (pp. 277-288), disponível em <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/4762> DOI <https://doi.org/10.26619/978-989-9002-14-2.14>



Jornalista e editora de Cultura da RTP, Teresa Nicolau conduz, desde 2015, o programa *As Horas Extraordinárias*. Este ano foi distinguida pela Sociedade Portuguesa de Autores com o Prémio de Jornalismo Cultural.

Numa reflexão sobre vários tópicos abordados por académicos em torno do jornalismo cultural, Teresa Nicolau defende que os jornalistas se devem especializar e que o contacto com as artes deve ser fomentado às crianças desde cedo. Através da sua experiência, a jornalista dá a conhecer a sua perspetiva sobre as rotinas jornalísticas no campo da cultura e aquilo que tem vindo a desenvolver na editoria de Cultura da RTP.

Alguns estudos, como "The culture of arts journalists" (2007), de Harries e Whal-Jorgensen, ou "Contributos para uma Definição das Funções de Jornalista de Cultura" a partir de um estudo de caso do jornal *Diário de Notícias* (2014), de Celiana Azevedo,¹ indicam-nos que os jornalistas que trabalham temas de cultura são marcados por uma excepcionalidade muito própria. Para um jornalista trabalhar cultura será necessária uma especialização sólida? Ou qualquer um, desde que encartado, o pode fazer?

Tenho dúvidas que seja simplesmente com uma licenciatura que se consiga ser - ou se seja melhor - jornalista desta área. Porque, como em todas as áreas nós jornalistas, devemos fazer esse es-

1 Azevedo, C. (2014). Contributos para uma Definição das Funções de Jornalista Cultura a partir de um Estudo de Caso do Jornal Diário de Notícias. In C. Baptista (Ed.), *Cultura na Primeira Página: O Lugar da Cultura no Jornalismo Contemporâneo - Caderno de Reflexões* (1ª ed., pp. 65-77). Lisboa: Mariposa Azul; Harries, G., & Wahl-Jorgensen, K. (2007). The culture of arts journalists. *Journalism*, 8(6), 619-639.

forço em especializarmo-nos. Por exemplo, a minha licenciatura era bastante rica do ponto de vista da filosofia e da estética, e deu-me uma abordagem muito interessante sobre as condições da cultura para pensar do ponto de vista cultural e em termos de imagem, cinema e tudo mais. Mas é necessário continuarmos a ler, como em todas as outras profissões. Os médicos ou os cirurgiões terão de continuar a fazer os seus estudos e os seus caminhos para se tornarem grandes especialistas na sua área. A dada altura, cheguei a fazer um curso de realização de cinema para continuar a fazer crítica de cinema na rádio porque achei muito importante perceber como é que se faz um filme. Daí que tenha feito três curtas-metragens. Foi essencial entender essa linguagem cinematográfica e foi muito interessante que, depois de toda essa aprendizagem de leitura da imagem, tive grandes possibilidades para transpor o que aprendi em cinema para o jornalismo televisivo. E foi muito importante também trabalhar filosofia, estética... Tudo isso faz com que me ajude a pensar o dia a dia de outra forma. É verdade que a voragem do banal às vezes nos coloca perante situações em que não podemos refletir muito. Mas, se tivermos as premissas e os instrumentos necessários, o trabalho sairá sempre mais valorizado e melhor quando, por exemplo, vamos entrevistar um grande soprano ou um grande realizador. É difícil, para mim, ter um jornalista na minha editoria que não leia, que não esteja atento aos jornais, que não saiba de música... Esse interesse constante pela cultura é essencial para se ser jornalista desta área.

Muitas vezes coloca-se a cultura no leque das *soft news*. Cultura é, necessariamente, *soft news*?

Não, de todo. Não faço entretenimento. Para mim, *soft news* são entretenimento e cultura jamais será entretenimento se for bem abordada e bem trabalhada. Costumamos dizer que muitas das vezes, e infelizmente, não fazemos parte das *hard news*. O que não quer dizer que sejamos *soft news*. Mas não se deve desvalorizar a cultura, ela deve ser valorizada. Ainda hoje, por exemplo, com esta situação da Covid-19, em que os artistas estão a precisar tanto de nós como divulgadores, mas também como pessoas que ajudam a refletir sobre o que se está a passar e a colocar, perante o público, toda a situação dos profissionais ligados à cultura. Isso não é *soft news*. Estamos a falar de pessoas. Para mim, *soft news* é entretenimento, um *fait-diver*. Cultura não é um *fait-diver*. Se continuarmos a tratar a cultura desta maneira, jamais a cultura terá um lugar. Temos que ter a noção que se não dissermos às pessoas como a cultura é importante, as pessoas não a vão procurar.

A investigação "The Cultural Journalist around the Globe: a comparative study of characteristics, role perceptions, and perceived influence" (2018), de Hovden e Kristensen², refere que os jornalistas das editorias de Cultura não sentem a mesma pressão nem se guiam ao mesmo ritmo que as restantes editorias de uma redação. Em Portugal também é assim?

Acho que isso já não é válido para a área da Cultura porque temos acesso a todas as informações, 500 notificações

2 Hovden, J. F., & Kristensen, N. N. (2018). The Cultural Journalist around the Globe: A comparative study of characteristics, role perceptions, and perceived influences. *Journalism*. 8(6), 619-639.

que caiem no telemóvel... Portanto todos nós, jornalistas, temos o coração nas mãos quer sejamos do Desporto, de Sociedade, quer sejamos de Cultura. É muito importante estarmos sempre atentos. Por exemplo, não posso desvalorizar a leitura de jornais, como acho que os meus colegas também não desvalorizam. Não posso desvalorizar a leitura dos *emails*, não posso desvalorizar a leitura de um *push* no telemóvel. Agora, aquela ideia de que o jornalista é um especialista do nada porque pode fazer de tudo... Tem as premissas para o fazer. Sabemos responder às perguntas essenciais e refletir perante declarações de um primeiro-ministro ou um acidente aéreo. Acho que essas regras estão lá, a técnica está lá, mas não acredito em jornalistas não especializados. Acho isso um bocado etéreo para nos tornarmos bons jornalistas. Nenhum bom jornalista é um jornalista do nada.

Falar em jornalismo cultural é, também, falar em educação para a cultura?

Vejo o jornalismo cultural, principalmente numa casa como a RTP, como um lugar de informação, não direi de formação. Nós temos a obrigação de informar. Há uns anos estávamos a discutir um artista, penso que era o Bordalo II, e alguém disse: "Mas ninguém conhece o Bordalo II." E respondi: "Pois não, mas nós, jornalistas, temos a obrigação de dar a conhecer o Bordalo II." E agora vemos quem é o Bordalo II! Portanto, como jornalista, tenho obrigação de dizer quem é a Paula Rêgo e explicar porque é que a Paula Rêgo é uma das artistas mais importantes do século XX da Europa e, provavelmente, do Mundo. É esse o enquadra-

mento que temos que fazer. Talvez o Dino d' Santiago, antes de ser um grande amigo da Madonna, já fosse uma pessoa conhecida também porque a RTP ajudou a divulgar o seu trabalho. É um homem que pensa não só a sua música, mas pensa o contexto em que está, a cidade onde vive, o mundo em que está... Portanto, naturalmente, tudo ajuda. Não direi a formar, mas a criar nas pessoas esse hábito de ouvir outra música, de ver outras exposições, de ler outros livros. Se as pessoas não tiverem conhecimento e acesso a esse conhecimento, temos obrigação de dar a conhecer essas pessoas que têm algo mais a ensinar.

A RTP, enquanto órgão de comunicação social público, tem o dever de olhar para a cultura. Este olhar passa por um maior foco na cultura nacional?

Não necessariamente. Podemos olhar para outras realidades quando temos possibilidade de meios, porque tudo isto também envolve gastos. Por exemplo, estive os 11 dias no Festival Internacional de Cinema de Veneza (em 2019), onde trabalhei *A Herdade*, que foi o filme português em competição oficial, mas trabalhei outros filmes como o *Joker*, de Todd Phillips, o *J'Accuse*, de Roman Polanski, e isso foi uma coisa extraordinária na RTP porque há muitos anos que não fazíamos isto. Penso que nunca houve um enviado especial ao Festival de Veneza em todos estes dias e deu uma perspetiva às pessoas absolutamente interessante daquilo que é o cinema que se faz, tanto o cinema *mainstream*, mas também o cinema de autor. Resulta muito bem quando temos meios e possibilidade de o fazer. Ir, por exemplo, à Bienal de Veneza, onde o nosso jornalista Diogo Louçã Rodri-

gues foi. É extraordinário quando temos essa possibilidade de sair fora da nossa caixinha. O João Ricardo Vasconcelos, o nosso correspondente em Washington, foi a Boston à inauguração de um grande museu de arte moderna... É essa a visão e nunca nos podemos fechar no nosso umbigo. O universo somos todos nós e, portanto, temos que saber olhar para a nossa identidade nacional, mas também para a nossa identidade como ser humano. O ser humano é dar a ver os outros, é conhecer quem somos através dos outros.

Mas, no caso da cobertura ao Festival de Veneza, foi o facto de *A Herdade* estar em competição oficial que justificou a viagem...

Mas podia ter-me vindo embora logo no dia a seguir à estreia do filme... Sugeri ficarmos e acompanhar o festival todo, com todas as conferências de imprensa, com a possibilidade de colocar uma pergunta ao Joaquin Phoenix, ao Pedro Almodôvar, à Julie Andrews... Essa proposta foi aceite pela Direção de Informação e ainda bem que fiquei porque muitas pessoas sabem quem é a Julie Andrews ou o Almodôvar e, o facto de estarmos lá, dá-nos um cariz de qualidade a nós, RTP, e dá-nos essa questão de que cultura não são só *soft news*. Há coisas importantes a acontecer na cultura.

Numa entrevista para o trabalho de mestrado "A cobertura editorial da cultura no *website* da RTP Notícias" (2019), de Carla Nunes,³ referiu que "as matérias de cultura são sempre

3 Nunes, C. (2019). *A cobertura editorial da cultura no website da RTP Notícias*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa .

matérias de segundo plano. A cultura termina sempre no Telejornal”. Por que razão isto acontece?

Podemos dizer que é uma tradição estrutural de escolha editorial da qual eu, obviamente, posso discordar muitas das vezes. Mas tem a ver com uma narrativa que o próprio Telejornal tem e que se criou neste e noutros países, porque, se formos ver um jornal da BBC, é exactamente a mesma coisa. Não sei se concordo, mas, por exemplo, neste tempo de pandemia, entendo que as pessoas queiram saber primeiro como está a evolução da doença em Portugal antes de saber que a Rita Redshoes vai, no próximo sábado, ao São Luiz fazer um concerto. Consigo entender que também há outros assuntos importantes. Por exemplo, quando é atribuído o Prémio Pessoa, mesmo que seja atribuído por um grupo editorial que não a RTP, convidamos sempre a personalidade distinguida para vir em directo ao Telejornal e não é só no final.

A Teresa é editora de Cultura da RTP. A função de edição de um jornalista cultural passa também por uma função de curadoria?

A ideia de curadoria é bastante recente, a edição já existe há mais tempo. A edição tem essa possibilidade de fazer as escolhas: Para mim há duas regras essenciais para fazer a edição: a primeira é serviço público, olhando para os artistas menos divulgados, mas também posso trabalhar um concerto da Madonna, não tenho problema nenhum. Mas tenho que perceber que ali há qualidade estética, humana, ética... Depois há outra premissa que, infelizmente, acontece na maioria das redações que é

a falta de meios. Temos que os saber gerir. Tenho dias em que há quatro ou cinco acontecimentos muito bons e só consigo ir a três, e tenho dias em que não acontece nada e tenho os meus jornalistas um pouco mais descansados. A verdade é que muita da nossa escolha editorial passa pela disponibilidade de meios. Outro exemplo: marco três equipas para fazerem entrevistas entre teatro, música e literatura, e não tenho um repórter de imagem. A cultura é, infelizmente, sempre das primeiras a cair.

E é a falta de meios a principal preocupação que tem para o *As Horas Extraordinárias*, o programa que coordena?

Muito a nível de meios. Porque há sempre acontecimentos e é uma pena muitas das vezes não conseguirmos cruzar o país inteiro porque temos mesmo falta de pessoas. Mas todas as redações se queixam disto.

O campo do jornalismo cultural é muito complexo e engloba várias manifestações culturais e artísticas. Abordar jornalisticamente a cultura é olhar apenas para as manifestações artísticas ou de forma alargada contemplando, por exemplo, a políticas culturais e disciplinas como a etnografia ou a antropologia?

É inevitável olharmos do ponto de vista alargado, porque senão não conseguimos ter uma visão sobre as coisas. Se aqui estivesse só a fazer agenda cultural, nem sei se precisava de ser jornalista. Essa visão da política cultural é essencial para perceber o que andamos aqui a fazer e perceber se quem tem o poder de decisão está a cumprir minimamente aquilo que lhe é devido e aquilo que se pode fazer a médio e a longo prazo. Toda essa

discussão interessa-me e toda essa questão do ponto de vista alargado é essencial e a RTP tem feito o seu melhor nessa perspetiva.

Vários autores como Daniel Piza (2003) ou Dora Santos Silva e Marisa Torres da Silva (2017)⁴ indicam que o jornalismo cultural segue uma agenda imposta pela indústria da cultura. Sente esta imposição de uma agenda por parte das indústrias culturais e criativas?

Dizemos aos nossos telespectadores quais os concertos que vai haver torna-se inevitável. Se o Andrea Bocelli vem a Portugal também é inevitável que se faça uma reportagem sobre esse concerto. Mas penso que não seja só assim e, às vezes, conseguimos ir além disso. Vou dar um exemplo. Há pouco tempo, fizemos uma peça sobre o empréstimo de peças de coudelaria da colecção do Museu Nacional dos Coches a um empreendimento hoteleiro em Alter do Chão e o Ministério da Cultura tentou justificar que as peças já lá haviam estado e, apesar de terem sido compradas pelo Estado e fazerem parte da reserva do museu, podiam continuar neste espaço de conceção privada. Fizemos uma peça onde referimos que, se essas peças estiverem fechadas numa sala, ninguém tem acesso a património que é de todos nós. E isso é fora da agenda e penso que tem também a ver com a nossa visão de cidadania. Mas é natural que também se queira saber que o NOS Primavera Sound anunciou um novo cartaz para 2021 e não posso fu-

4 Piza, D. (2003). *Jornalismo Cultural* (1ª ed.). São Paulo: Contexto; Santos Silva, D., & Torres da Silva, M. (2017). Definições, tendências e marcas discursivas do jornalismo cultural. In C. Baptista (Ed.), *A Cultura na primeira Página - Uma década de jornalismo cultural na imprensa portuguesa* (1ª ed., pp. 87-108). Lisboa: Escritório Editora.

gir a isso. São estes acontecimentos que fazem a dinâmica da cultura e é essencial que as pessoas saibam que, por exemplo, o Teatro Nacional D. Maria II vai reabrir com o *By Heart*. Neste momento, estou a trabalhar numa peça com dois livros que saíram e não vou fazer uma peça para cada um. Vou fazer com os dois escritores e vou pô-los a refletir sobre a sua própria arte. Ou seja, também nos cabe apresentar e abordar os assuntos da melhor forma que entendermos, fugindo dessas imposições das agências de comunicação e da agenda cultural.

De acordo com o *Barómetro Gerador Qmetrics*⁵, os jovens portugueses sentem que a cultura é menos orientada para a sua geração. Está nas mãos do jornalismo cultural alterar este panorama?

Penso que se confunde o que é a ‘cultura orientada para a geração’. Posso fazer uma peça extraordinária sobre o *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, e a minha filha, que tem 20 anos, adorar essa peça. Temos é que saber comunicar nas diferentes plataformas. Nós é que temos que saber comunicar.

No meio de todas estas reflexões pessoais, comunicadas e dialogantes com tanta gente da arte e da cultura, a ideia, por exemplo, do Plano Nacional das Artes, do qual nunca mais se falou, com grande pena, é uma grande ideia para podermos dizer às crianças o que são artistas, colocar os artistas nas escolas e vê-los a trabalhar com os miúdos... ter alguém a fazer uma biografia do Jorge Molder vai levar a questionar quem é o Jorge Molder e a ensinar não só as crianças, mas também os pais porque

5 Gerador (2019). *Barómetro Gerador Qmetrics: Estudo anual sobre a percepção da cultura em Portugal*. Lisboa: Gerador.

vão querer perceber o que os miúdos estão a fazer na escola. E isso é essencial, não é comunicar com esta ou com outra geração. Temos que saber comunicar com todos. Não querendo generalizar, acho é que as novas gerações não estão habituadas a procurar cultura. Por isso é que essa educação a médio/longo prazo é tão importante. Porque se não colocarmos nos jovens e nas crianças desde muito cedo as premissas essenciais do que é cultura, do que é ser artista, do que é a arte, não vamos lá... A responsabilidade começa em nós, como pais, professores, políticos, como intervenientes na educação dessas gerações e dizer-lhes quem é Helena Almeida, mas também quem é Tolstói ou Picasso. Temos que fazer esse trabalho de habituar as pessoas desde muito cedo de que também há heróis na cultura.